

**ENTRE O TIKTOK E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: O DESAFIO
DE ENSINAR GEOGRAFIA AOS NATIVOS DIGITAIS E A TENSÃO DA PRÁTICA
DOCENTE**

BETWEEN TIKTOK AND THE BRAZILIAN NATIONAL CURRICULUM BASE: THE
CHALLENGE OF TEACHING GEOGRAPHY TO DIGITAL NATIVES AND THE
TENSION OF TEACHING PRACTICE

ENTRE TIKTOK Y LA BASE CURRICULAR NACIONAL BRASILEÑA: EL DESAFÍO
DE ENSEÑAR GEOGRAFÍA A NATIVOS DIGITALES Y LA TENSIÓN DE LA
PRÁCTICA DOCENTE

Siliane Nunes da Silva de França

Orientador: Prof. Dr Daniel Laiber Bonadiman

RESUMO

Este artigo investigou e analisou os desafios enfrentados pelos professores de Geografia ao ensinar estudantes da geração TikTok, nativos digitais envolvidos em uma cultura de gratificação instantânea e consumo acelerado de informações. A pesquisa, de natureza qualitativa, realizou uma revisão bibliográfica de obras clássicas e contemporâneas, além da análise de artigos sobre publicidade e educação, com foco nos impactos cognitivos e comportamentais das redes sociais. Os resultados apontam para um descompasso entre as exigências da Base Nacional Comum Curricular, que propõe uma formação crítica e ativa, e a apatia dos estudantes diante de metodologias que exigem concentração e reflexão. A solidão docente surge como problemática central, revelando o isolamento e a sobrecarga dos professores diante de uma geração que resiste à complexidade. O estudo conclui que a implementação de metodologias ativas é necessária, mas depende de condições reais de trabalho, formação continuada e valorização da prática docente.

Palavras-chave: Geração TikTok; geografia crítica; BNCC; metodologias ativas; solidão docente.

ABSTRACT

This article investigated and analyzed the challenges faced by Geography teachers when teaching students of the TikTok generation, digital natives immersed in a

culture of instant gratification and accelerated information consumption. The qualitative research involved a literature review of classic and contemporary works, as well as an analysis of articles on advertising and education, focusing on the cognitive and behavioral impacts of social media. The results point to a mismatch between the demands of the Brazilian National Curriculum Base (BNCC), which proposes critical and active education, and the apathy of students towards methodologies that require concentration and reflection. Teacher loneliness emerges as a central problem, revealing the isolation and overload of teachers facing a generation that resists complexity. The study concludes that the implementation of active methodologies is necessary, but depends on real working conditions, continuing education, and valuing teaching practice.

Keywords: TikTok generation; critical geography; BNCC; active methodologies; teacher loneliness.

RESUMEN

Este artículo investigó y analizó los desafíos que enfrentan los docentes de Geografía al enseñar a estudiantes de la generación TikTok, nativos digitales inmersos en una cultura de gratificación instantánea y consumo acelerado de información. La investigación cualitativa implicó una revisión bibliográfica de obras clásicas y contemporáneas, así como un análisis de artículos sobre publicidad y educación, centrándose en los impactos cognitivos y conductuales de las redes sociales. Los resultados apuntan a un desajuste entre las demandas de la Base Curricular Nacional de Brasil (BNCC), que propone una educación crítica y activa, y la apatía de los estudiantes hacia metodologías que requieren concentración y reflexión. La soledad docente emerge como un problema central, revelando el aislamiento y la sobrecarga de los docentes frente a una generación que se resiste a la complejidad. El estudio concluye que la implementación de metodologías activas es necesaria, pero depende de las condiciones reales de trabajo, la formación continua y la valoración de la práctica docente.

Palabras clave: Generación TikTok; geografía crítica; BNCC; metodologías activas; soledad docente.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Palfrey (2011, p. 29-30), para os nativos digitais, o ambiente digital é simplesmente uma extensão do mundo físico, onde a realidade fica confusa e abstrata, principalmente para essa geração que ainda está formando sua personalidade. Os jovens quase nunca distinguem o online do offline entre as

versões de si mesmos e tendem a expressar suas identidades online de maneira muito parecida com as que realmente tem. Isso tem gerado preocupação entre pais e professores, no que diz respeito aos aspectos de dependência por engajamento online.

Em relação a essa necessidade de estar cronicamente online, Bauman (2014, p. 37), afirma que o resultado geral é uma “sociedade confessional”, com microfones plantados dentro do confessionário e megafones em praças públicas. E, os que relutam em participar, são confrontados sobre a nova versão do cogito de Descartes que é “sou visto, logo sou”, e quanto mais pessoas me veem, mais eu sou...

Essa necessidade de estar online traz o esvaziamento das essências e a apresentação distorcida da realidade. Como um exemplo citado por Palfrey (2011, p.35), sobre a expectativa de que deve haver reciprocidade quando uma garota de 16 anos compartilha suas informações pessoais com estranhos. Nas redes, os jovens encontram uma falsa liberdade para serem “eles mesmos” ou quem acreditam que são.

O problema de se sentir livre na internet, está onde Palfrey (2011, p.53), classifica como Dossiê digital num compilado de informações que ficam armazenadas nas *nuvens* que qualquer um pode ter acesso. Portanto, não se pode ter controle dos dados pessoais, uma vez que mesmo antes de nascer, o indivíduo é exposto aos armazenamentos. A exemplo do ultrassom que a gestante precisa fazer no pré-natal. E, diferente das gerações anteriores, aqueles que nasceram digitais vão crescer tendo um grande número de arquivos digitais mantidos sobre ele, quer gostem ou não, desde o início.

Um estudo comparativo dos impactos cognitivos do uso do *Instagram* e *TIKTOK*, realizado por Lacerda e Ramalho (2025), constatou que há uma similaridade na influência comportamental da utilização dessas redes, muito próximo da hora do sono e, conseqüentemente isso afeta na concentração no dia seguinte e

provoca irritabilidade e perda de memória. Muito embora, não tenha afetado diretamente no desempenho dos jovens pesquisados.

A pesquisa apontou também que dentre os 58 observados, 17,9% dos pais ou responsáveis não tinham conhecimento dos conteúdos consumidos por seus filhos.

Outra pesquisa investigou como o *TIKTOK*, com seus vídeos curtos e dinâmicos, contribui para a promoção da cultura de gratificação instantânea (dopamina) na sociedade contemporânea (Brescancini, 2025), principalmente em relação aos entrevistados. Constatou-se que o *TIKTOK* é a rede mais acessada por apresentar conteúdos que satisfazem instantaneamente a necessidade de distração, através dos vídeos dinâmicos e curtos, algoritmo personalizado e o mecanismo de *scroll* (rolagem infinita), que molda os padrões de consumo cada vez mais rápido, descartáveis e automatizados.

Brescancini (2025), percebeu uma contradição nos relatos dos entrevistados. Ao mesmo tempo em que a ferramenta é utilizada como recurso de fuga da realidade e traz a sensação de acessibilidade, gera ansiedade, procrastinação e perda de foco.

É comum observar o espelhamento de comportamentos automáticos e padronizados, principalmente em ambientes escolares, dentre os adolescentes. São danças, com passinhos repetitivos, jeito de se vestir e falar, incentivados pela plataforma que motiva esses comportamentos através da repetição de entrega do algoritmo, propositalmente injetando uma sensação de pertencimento na busca por estímulos e aceitação.

A partir dessa análise, buscou-se refletir sobre os impactos desse cenário na prática docente acerca de algumas reflexões que devem ser aprofundadas com relação às restrições de uso do celular e o debate acerca das regulamentações dessas redes.

Com relação às restrições de uso do celular, em 2025, foi dado um passo importante para o processo de concentração dos alunos na sala de aula, com a implementação da Lei 15.100/2025, que restringe o uso do celular nas escolas. Mesmo ainda não existindo pesquisas sobre a mudança ocasionadas pela proibição, devido ao pouco tempo para análise e comparação, alguns relatos de professores nas redes sociais, demonstram uma melhora significativa no âmbito da aprendizagem e disciplina.

Essa realidade, marcada pela fragmentação da atenção e pela priorização de estímulos rápidos, impõe um desafio metodológico urgente ao professor, notadamente o de Geografia. O currículo, estabelecido pela BNCC (Brasil, 2017) e pelos referenciais curriculares locais/estaduais, exige que o docente promova a reflexão crítica do espaço geográfico como construção social e campo de disputa, mas encontra resistência em um público habituado à superficialidade e à apatia. Nesse contexto de descompasso, o professor se vê cada vez mais isolado, com pouca formação e sem tempo para inovar, o que configura o fenômeno da Solidão Docente.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar a tensão da prática docente no ensino de Geografia e discutir como a Solidão Docente agrava a dificuldade de implementação de Metodologias Ativas necessárias para engajar a Geração Digital na reflexão socioespacial.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A geração digital: nativos, imersão e o desafio da apatia

Na pesquisa, Impactos e consequências do TIKTOK na saúde mental da Geração Z, Lira *et al* (2023), após analisarem comentários obtidos na plataforma, perceberam frases carregadas de ansiedade e estresse, ilustrando como o consumo constante de conteúdo de alta velocidade pode alterar a percepção do tempo e impactar a paciência, desencadeando também a compulsão por assistir vídeos em uma sequência interminável.

A partir dessa análise, é possível perceber porque os jovens estão tão impacientes com conteúdos mais longos e que exigem reflexão e aprofundamento, como os abordados nas aulas expositivas, nas propostas de debates com abordagem mais complexas, atividades que demandem mais concentração e elaboração de pensamento crítico, ou até mesmo nos vídeos mais longos do Youtube.

Ainda nessa perspectiva, Lira *et al* (2023), atribuem a responsabilidade da busca por estímulos prazerosos ao surgimento e a popularização de vídeos de curta duração que apresentam a tela dividida com elementos visuais desconexos entre si. Reflexo da necessidade de controle e vício em rolar interminavelmente pelos vídeos aleatórios que o algoritmo entrega, também é atribuído a comparação com outros usuários, responsável pela impaciência, irritabilidade e perda de sono dos consumidores da plataforma.

Em um dos relatos desta pesquisa, um jovem descreveu a dificuldade em reter informações escolares, consequência do tempo excessivo dedicado à plataforma. O neurocientista Haros Valencia (2022 apud Lira *et al*, 2023, p. 47), destaca a importância do sono para a saúde mental e qualidade de vida, reforçando o reflexo na dificuldade de concentração que atrapalha o processo de aprendizagem a qual Freire (2025), atribui ser um caminho de persistência que exige um processo de sucessão de dor, de prazer, de sensação de vitória, de derrotas, de dúvidas e de alegria que essa geração não se disponibiliza a vivenciar. São imediatistas e se alimentam de pequenos prazeres contínuos.

Algumas soluções podem reduzir os impactos e promover práticas equilibradas (Lira *et al*, 2025), como limitar o tempo de uso na plataforma, fazer a higiene do sono antes de dormir, criar uma rotina regular de sono para promover uma experiência mais saudável no uso de redes sociais. Em se tratando de jovens, como determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990), em seu art. 4º, é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à

vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 1990).

Nesse contexto, o documentário O Dilema das Redes (Orlowski, 2020) alerta: “Se você não está pagando pelo produto, então você é o produto.”

Essa afirmação sintetiza a lógica por trás das plataformas digitais e reforça a urgência de uma educação geográfica crítica, que ajude os nativos digitais a compreenderem os mecanismos de manipulação algorítmica e a desenvolverem autonomia diante do consumo de informação nessas plataformas.

2.2 BNCC, geografia crítica e a exigência por metodologias ativas

A BNCC (Brasil, 2017) exige que o ensino de Geografia promova uma formação crítica e ativa, capaz de dialogar com os desafios contemporâneos. Nesse contexto, é necessário reconhecer que o pensamento crítico tradicional, especialmente o marxista, enfrenta tensões diante das transformações sociais e tecnológicas da virada do século.

É nesse ponto que as metodologias ativas se tornam ponte, não mágica, mas necessária, entre o currículo e o engajamento dos estudantes. Jogos didáticos, geotecnologias, projetos interdisciplinares e o uso consciente das mídias digitais são estratégias que podem despertar o interesse e promover a reflexão.

Como aponta Carlos (2023), “O pensamento crítico, principalmente o marxista e notadamente na América Latina, vive uma crise de ideias e um momento de perplexidade [...] diante das novas circunstâncias que contrariam certas teorias consagradas.”

A implementação da BNCC exige que as escolas adotem metodologias ativas que promovam uma aprendizagem significativa, contextualizada e crítica. No entanto, essa transformação pedagógica não ocorre de forma isolada: ela depende de uma estrutura escolar que favoreça a inovação e o protagonismo docente.

Na segunda carta do livro *Professora sim, tia não*, Paulo Freire (2025) traz a reflexão sobre como estudar é um exercício complexo que envolve persistência e concentração. Quando ele pontua que "não é possível ler sem escrever e escrever sem ler", evidencia que o cerne do aprendizado está no interesse como principal ingrediente do processo de ensino-aprendizagem.

Ao mesmo tempo que propõe que as aulas envolvam leitura e discussões para elevar o pensamento crítico, insiste na importância de haver entrega de ambas as partes envolvidas. Talvez essa seja a grande questão para que o exercício de ensinar tenha se tornado um martírio para os professores. Competir com a dinâmica das redes sociais quando se exige concentração e reflexão é uma tarefa, por assim dizer, impossível. Ao final da carta, Freire (2025, p.82) convoca os educadores a experimentar cada vez mais criticamente a tarefa de ler e de escrever para que percebam as tramas sociais em que se constituem e reconstituem a linguagem, a comunicação e a produção do conhecimento.

A pergunta que se faz, é como aplicar essa proposta na prática? Como envolver a geração TIKTOK nas reflexões propostas e realizar um debate em sala? Como despertar o interesse do aluno e levá-los ao pensamento crítico social a que espera-se nos documentos norteadores da BNCC?

Como destacam Libâneo, Oliveira e Toschi (2003, p. 420–423), "A qualidade do ensino está diretamente ligada à organização e à gestão escolar, sendo necessário que a escola crie condições operacionais, organizacionais e pedagógico-didáticas que favoreçam o bom desempenho docente."

Essa perspectiva reforça que a adoção de metodologias ativas e de uma abordagem crítica da Geografia requer não apenas mudanças curriculares, mas também uma cultura organizacional aberta à participação, à autonomia e à inovação. A articulação entre gestão escolar, didática e práticas pedagógicas é essencial para que os objetivos da BNCC se concretizem de forma efetiva.

2.3 Solidão docente: isolamento, sobrecarga e o limite da inovação

Em seu livro professor refém, Zaguri (2006) trouxe o resultado de uma pesquisa sobre os desafios enfrentados pelos professores da educação básica. A pesquisa abrangeu 42 cidades, em 22 estados brasileiros com uma amostra de 1172 docentes, dos quais 44% na faixa etária de 32 a 40 anos.

A pesquisa evidenciou as maiores dificuldades que professores enfrentam em sala de aula, sendo as mais citadas: manter a disciplina em sala, motivar os alunos, fazer avaliações dos alunos e manter-se constantemente atualizado.

Quanto a disciplina, Zaguri define que:

É preciso rever- com urgência- a questão da autoridade e dos limites (aí compreendidos como a relação equilibrada entre direitos e deveres dos alunos) dentro do contexto família-escola, sem o que dificilmente poderemos alcançar o objetivo “qualidade na educação”. A instituição Escola precisa reencontrar-se com seu papel de autoridade, sem que isso represente autoritarismo. O professor necessita ter o apoio e a sustentação da sociedade para concretizar uma ação socializadora (Zaguri, 2006, p.90).

Com relação a motivação, Zaguri (2006) conclui ser um dos maiores desafios, principalmente em se tratando de uma geração desmotivada e indisciplinada, com famílias que abriram mão de seu papel essencial de geradora da ética e de primeira agência socializadora das novas gerações.

Segundo Libâneo (2003), Saviani defende que é preciso levar a sério as avaliações externas e parar de pressionar os professores por resultados maquiados, uma vez que o problema além de estrutural é social. Professores sabem bem que apenas a frequência sem o menor interesse em aprender, não resolve. Enquanto as famílias não se envolverem no processo de aprendizagem e, os resultados também forem suas responsabilidades, não teremos avanços concretos e todas essas metas serão resumidas a bengalas de campanha.

O professor se vê diante de uma geração que consome informação em velocidade acelerada, mas que não consegue sustentar a atenção por mais de alguns segundos. Isso gera uma sensação de solidão pedagógica, pois o diálogo profundo e reflexivo, essencial ao ensino, é constantemente interrompido pela lógica do imediatismo digital.” (Aranda, 2007, p. 86).

Entende-se que a inquietação dos adolescentes e a impaciência para aulas expositivas ou que exijam maior concentração e nível de discussões mais aprofundadas é, em partes, consequência dos estímulos dinâmicos das plataformas como o TIKTOK.

Ao ser convocado a preencher os vazios deixados pela falência de outras agências socializadoras, especialmente a família, o professor encontra-se numa situação limite. A prática docente, que deveria se concentrar na mediação do saber, é desviada para uma prática de contenção e de terapêutica social, onde se exigem dele habilidades que extravasam sua formação. Isso expõe os limites do seu agir, pois ele não pode ser responsável pelo que a sociedade e a família renunciaram (Aranda, 2007).

Dessa forma, enquanto as famílias não se envolverem no processo de aprendizagem e os resultados também forem suas responsabilidades, os avanços continuarão limitados. O abandono das funções socializadoras e a pressão por desempenho em um cenário marcado pelo colapso da autoridade escolar e pela ausência de apoio institucional, referente a Estado e Família, refletem diretamente na saúde física e emocional do professor, que se vê sobrecarregado e desamparado em sua missão de ensinar.

É nesse contexto de perdas e exigências que o professor se encontra submerso, percebendo-se desautorizado em sua função e sobrecarregado com demandas que transcendem o ato de ensinar. O mal-estar docente (Aranda, 2007), portanto, configura-se não como uma fraqueza individual, mas como o sintoma de uma escola que foi convertida em campo de batalha social, onde a solidão do

professor é a evidência da terceirização de responsabilidades éticas e sociais. Sobre isso, complementa Aranda:

O conceito construído é o de que o mal-estar docente é um dos traços da profissão professor na contemporaneidade e evidencia-se através da manifestação das dificuldades ou impossibilidades de lidar com as problemáticas que estão presentes na escola. A manifestação do mal-estar docente se dá através de relatos de sentimentos de angústia, desconforto e impotência, resultantes do tensionamento nas relações estabelecidas e mediante a necessidade de intervenção do professor, em situações que se colocam no cotidiano de sua prática, e as reais possibilidades dessa intervenção (Aranda, 2007, p. 5).

3 METODOLOGIA

O presente estudo se propôs a analisar as conexões de ensino-aprendizagem em relação ao choque de gerações entre professores e a geração TIKTOK, nascidos na era digital, realizou-se uma revisão bibliográfica da literatura científica atual e clássica, através de artigos publicados, juntamente com trabalhos acadêmicos desenvolvidos ao longo das duas últimas décadas. Também foi realizada uma análise de artigos publicados em revistas sobre publicidade e educação, com o intuito de compreender como as dinâmicas das redes sociais, especialmente o TIKTOK, influenciam os comportamentos, os padrões de atenção e o engajamento dos estudantes em sala de aula.

A partir dessa análise, buscou-se refletir sobre os impactos desse cenário na prática docente, especialmente no ensino de Geografia, e discutir os desafios enfrentados pelos professores na implementação de metodologias ativas diante de uma geração marcada pelo imediatismo digital e pela resistência à reflexão crítica.

O artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, com ênfase na análise teórica e documental. O objetivo central foi

compreender as conexões entre ensino-aprendizagem e o choque de gerações entre professores e estudantes da chamada geração TIKTOK, nascidos e socializados em um ambiente digital.

A investigação foi conduzida por meio de uma revisão bibliográfica da literatura científica clássica e contemporânea, abrangendo as duas últimas décadas. Foram selecionados artigos acadêmicos, livros, teses, dissertações e trabalhos publicados em periódicos das áreas de Educação, Comunicação e Geografia. A seleção priorizou produções que abordam temas como juventudes digitais, metodologias ativas, BNCC, cultura midiática, práticas pedagógicas e saúde mental na era das redes sociais.

Além disso, realizou-se uma análise de conteúdo de artigos publicados em revistas especializadas em publicidade e educação, com o intuito de identificar como as plataformas digitais (especialmente o TIKTOK) influenciam os comportamentos, os padrões de atenção e o engajamento dos estudantes em sala de aula. Essa etapa buscou compreender os impactos cognitivos e sociais do consumo de vídeos curtos e dinâmicos, bem como os desafios que isso impõe à prática docente, especialmente no ensino de Geografia.

A análise dos dados foi orientada pela técnica de análise de conteúdo temática, conforme proposta por Bardin (2011), permitindo a identificação de categorias emergentes como: imediatismo digital, apatia escolar, solidão docente, resistência à reflexão crítica e tensões na implementação de metodologias ativas.

A pesquisa também dialoga com documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), a fim de compreender as exigências curriculares atuais e os desafios enfrentados pelos professores na mediação do conhecimento geográfico em um cenário marcado pela fragmentação da atenção e pela cultura da gratificação instantânea.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados trouxe à tona um cenário de tensão entre a prática docente e os hábitos de consumo da geração digital. Os dados levantados apontam para um descompasso entre o ritmo acelerado das redes sociais e a proposta de ensino reflexivo exigida pela BNCC (Brasil, 2017), especialmente no componente curricular da Geografia.

A cultura da gratificação instantânea, alimentada por algoritmos que entregam estímulos rápidos e repetitivos, tem moldado comportamentos escolares marcados pela impaciência, dispersão e apatia. Os relatos de professores nas redes sociais, somados às pesquisas analisadas, evidenciam que os estudantes apresentam resistência a atividades que exigem concentração, elaboração de pensamento crítico e aprofundamento teórico que são pilares da Geografia crítica.

Esse cenário impõe ao professor o desafio de reinventar suas práticas, muitas vezes sem o suporte necessário. A solidão docente emerge como categoria central, revelando o isolamento do educador diante de uma geração que consome informação em velocidade, mas não se dispõe ao processo de aprendizagem em sala. A sobrecarga emocional, a falta de apoio institucional e a pressão por resultados contribuem para o mal-estar docente, como já apontado por Aranda (2007).

A implementação de metodologias ativas, como jogos, geotecnologias e projetos interdisciplinares, aparece como alternativa viável para engajar os nativos digitais. No entanto, essas estratégias exigem tempo, formação continuada e uma gestão escolar que valorize a inovação. Como destacam Libâneo, Oliveira e Toschi (2003), a qualidade do ensino está diretamente ligada à estrutura organizacional da escola e a participação efetiva da família, o que reforça a necessidade de políticas públicas que sustentem a prática docente.

A Geografia, enquanto ciência que interpreta o espaço como construção social e campo de disputa, precisa ser ensinada de forma crítica e contextualizada. Mas para isso, é preciso que o professor tenha condições reais de trabalho, formação adequada, tempo e liberdade para criar e atuar. Sem isso, a BNCC (Brasil, 2017) corre o risco de se tornar apenas mais um documento normativo, distante da realidade das salas de aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar Geografia na era digital é enfrentar um cenário de transformações profundas nas formas de aprender. A Geração *TIKTOK*, marcada pela fragmentação da atenção e pela busca constante por estímulos rápidos, desafia os modelos tradicionais de ensino. A BNCC propõe uma formação crítica e ativa, mas os estudantes chegam à sala de aula presos a uma lógica de consumo rápido e descartável. Nesse contexto, surge o dilema crucial: como promover o pensamento geográfico crítico em uma geração que resiste à complexidade e à dúvida?

As metodologias ativas surgem como uma ponte possível, mas não mágica, para engajar os nativos digitais. No entanto, a viabilidade de aplicar a proposta de Freire, que exige persistência, leitura e escrita crítica, depende de condições estruturais. A inovação pedagógica exige tempo, formação continuada, estrutura e, acima de tudo, a valorização da prática docente aliada ao apoio familiar. Sem o suporte institucional/familiar adequado, a BNCC corre o risco de ser apenas um documento normativo, distante da realidade da sala de aula. A qualidade do ensino está diretamente ligada à estrutura organizacional da escola e à participação efetiva da família. Portanto, aplicar a proposta crítica na prática passa, primeiramente, pela superação da solidão docente.

Envolver a Geração TikTok nas reflexões propostas pela Geografia Crítica exige mais do que a simples adoção de ferramentas digitais; exige uma reengenharia didática do tempo e do comprometimento individual e coletivo. A

Geopolítica, a Cartografia e os debates socioespaciais não podem ser reduzidos à dinâmica dos vídeos de 15 segundos. É necessário criar projetos que transformem o estudante de consumidor passivo para produtor ativo de conhecimento socioespacial, utilizando as geotecnologias e as mídias de forma consciente e crítica. O professor precisa de apoio para desenvolver estratégias que combatam a apatia escolar e reforcem o cerne do aprendizado: o interesse e a entrega de ambas as partes. Em última instância, o engajamento da Geração *TIKTOK* no pensamento crítico é um desafio social, exigindo o envolvimento de Estado, Família e Escola.

Por fim, é preciso reconhecer que a solidão docente não é uma fragilidade individual, mas um sintoma de um sistema que ainda não compreendeu a urgência de cuidar de quem ensina. O professor precisa ser visto, ouvido e apoiado, não apenas como transmissor de conteúdos, mas como sujeito político e formador de senso crítico.

6 REFERÊNCIAS

ARANDA, Silvana Maria. **Um olhar implicado sobre o mal-estar docente**. 2007. 127 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/103841416/Um_olhar_implicado_sobre_o_mal_estar_docente. Acesso em: 16 nov. 2025

BAUMAN, Zygmunt. DONKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: A perda da sensibilidade na modernidade líquida**. - 1ª ed.-Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Secretaria Especial para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica**. Diário Oficial da União,

Brasília, DF, 14 jan. 2025. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm Acesso em:
11 nov. 2025.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 16 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : geografia /Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília : MEC/SEF, 1998.156 p. Disponível em:
<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/livro02.pdf> Acesso em 20 Nov. 2025.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 18 nov. 2025.

BRESCANCINI DE ARAUJO, Luana; MALVEZZI, Mariana. **A Cultura imediatista do Tiktok.** International Journal of Business and Marketing, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 27–39, 2025. Disponível em: <https://www.ijbmkt.org/ijbmkt/article/view/318> Acesso em: 11 nov. 2025.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A geografia na sala de aula/** organizadora Ana Fani A. Carlos.-9. ed., 6ª impressão.-São Paulo: Contexto, 2023.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2025.

LACERDA, Giovana; RAMALHO, Ana Claudia. **Comparação dos impactos cognitivos do uso do Instagram versus TikTok entre adolescentes de diferentes níveis socioeconômicos.** SciELO Preprints, 2025. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.11051. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/11051>. Acesso em: 11 nov. 2025.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2003. Disponível em: <https://archive.org/details/educacao-escolar-politicas-estrutura-e-organizacao-jose-carlos-libaneo/page/n7/mode/2up> Acesso em: 04 ago. 2025

LIRA, Francisco Jandeval Gomes; SOUZA, Marcelo Franco e; AGUIAR, Leidiane Carvalho de; LIMA, Emylle Kelle Dourado de; STROHM, Ingrid Kawani Leandro. **Impactos e consequências do TikTok na saúde mental da geração Z.** In: Educação E Interdisciplinaridade: Teoria E Prática. Volume V. Atena Editora, 2023. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/impactos-e-consequencias-do-tiktok-na-saude-mental-da-geracao-z>. Acesso em: 12 nov. 2025.

ORLOWSKI, Jeff. **O Dilema das Redes.** Direção: Jeff Orlowski. Produção: Netflix, 2020. Documentário.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na Era Digital: Entendendo a primeira geração de nativos digitais.** Tradução: Magda França Lopes. Revisão técnica: Paulo Gileno Cyseiros. Porto Alegre: Grupo A, 2011. 352 p.